

O DISCURSO E O PODER NA LITERATURA E NA MÍDIA: A RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, MEMÓRIA, SUJEITO E PODER.

Israel de Sá, Maria do Rosário Valencise Gregolin – Letras – Letras – Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

No dia 1º de abril de 1964 dava-se início a um dos períodos mais difíceis da história brasileira. Com a deposição do então presidente João Goulart, o Brasil entrava em um regime militar que duraria 21 anos (1964 – 1985). Houve um enfraquecimento da democracia, principalmente com o fim das eleições diretas para escolha do presidente da república, grande repressão política, mas também forte resistência e grande fortalecimento cultural.

É inegável as raízes deixadas por esse período da história brasileira na vida social e política de hoje.

Por meio de uma abordagem feita pelas teorias da Análise do Discurso de linha francesa e pela chamada Nova História, este trabalho procura estudar as relações entre história, memória, sujeito e poder durante o período mencionado.

A Análise do Discurso de linha francesa entende o discurso como a materialização do processo enunciativo, cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História. Como consequência, ela propõe uma teoria não-subjetiva, em que o sujeito não é tido como responsável pelo engendramento dos fenômenos discursivos e o sentido é constituído pela interação entre os interlocutores (GREGOLIN, 2000, p. 19).

Para tanto, o *corpus* é composto por três textos de resistência ao período, de gêneros discursivos distintos e que aparecem em momentos diferentes da história nacional.

A canção de Sidney Miller, *Pois é, pra quê?* (1968), aparece no momento em que a resistência ao regime começa a se tornar cada vez mais forte, culminando no Ato Institucional Nº 5 que censurava a imprensa, suspendia a garantia de *habeas corpus* para crimes políticos, etc. O romance memorialista *Os carbonários* (1979), de Alfredo Sirkis, já aparece em um contexto de abertura política, na passagem do governo de Ernesto Geisel para João Baptista Figueiredo, último presidente desse regime. É quando os exilados políticos começam a retornar ao Brasil, como é o caso do próprio Alfredo Sirkis. Já o folheto de cordel *O golpe* (2005), de J. J. Victor, aparece já totalmente fora desse contexto e, através da poesia de cordel, procura fazer um relato de todo o período.

Para estudar a relação entre memória e história, este trabalho parte de um conceito de história discutido por Michel Foucault que afirma que “a história será ‘efetiva’ na medida em que reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser” (FOUCAULT, 1979, p.27) e pela chamada “Nova História”, representada pela *Escola dos Annales*, Michel de Certeau, François Dosse, Jacques Le Goff, Pierre Nora etc.

Uma narrativa histórica “reflete a cultura política de uma época” (GREGOLIN, 2001, p. 70). Para tanto, como qualquer texto, seja *histórico* ou *mítico*, a narrativa histórica se apóia em redes de memórias na busca de arquivos e enunciados que possam contribuir para a “interpretação” de uma sociedade.

É importante ressaltar que esta leitura da história não é a mesma feita pela chamada História Tradicional a qual privilegia os “grandes homens” e os “grandes fatos”, além de se caracterizar pela continuidade. Aqui, a análise privilegiará a descontinuidade da história, “[...] os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integra a vida humana” (FERNANDES, 2005, p. 22). É uma abordagem minuciosa da história, uma genealogia como propõe Nietzsche e defende Foucault.

[...] a genealogia é uma pesquisa histórica que se opõe ao ‘desdobramento meta-histórico das significações ideais e as indefinidas teologias’, que se opõe à unicidade da narrativa histórica e à busca da origem, e que procura, ao contrário, a ‘singularidade dos acontecimentos fora de qualquer finalidade monótona’. [...] ela não pretende voltar ao tempo para restabelecer a continuidade da história, mas

procura, ao contrário, restituir os acontecimentos na sua singularidade” (REVEL, 2005, p. 52).

Também a partir de Michel Foucault, discutiremos a participação do sujeito nessa história e as relações desse sujeito com o discurso político; as relações de poder aí caracterizadas. E tomando como base as discussões de Mikhail Bakhtin a respeito de gêneros discursivos, analisaremos a relação entre gênero, história e memória para tratar das diferenças entre literatura memorialista, literatura de cordel e canção.

É, também, a partir da análise do gênero de cada texto que se poderá estabelecer a relação do sujeito com a história. “Esse ‘sujeito do discurso’ está inscrito na materialidade do texto, na maneira como ele aponta para seu autor” (GREGOLIN, 2001, p. 62). Cada esfera da sociedade possui uma forma de texto cristalizada que se manifesta através dos gêneros discursivos, como mostra Bakhtin na sua discussão a respeito desses gêneros.

O querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na *escolha de um gênero do discurso*. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma determinada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. Depois disso, o intuito discursivo do leitor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado” (BAKHTIN, 1997, p. 301).

Dessa análise, percebe-se a caracterização do discurso através da escolha do gênero. Alfredo Sirkis faz uso do romance memorialista para resgatar as memórias da guerrilha de que foi participante ativo; através do termo “carbonário” nos remete a outros acontecimentos, a outras guerrilhas, a outras sociedades secretas. Sidney Miller usa a canção para mostrar a resistência, a insatisfação diante da ditadura. A música, nesse período, foi muito usada como forma de protesto, de resistência, como se vê em Chico Buarque, Geraldo Vandré e outros. E, por fim, J. J. Victor coloca em sua poesia uma grande característica da própria literatura de cordel, a narrativa histórica.

Portanto, através dessa perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa e da Nova História, aqui se pretende fazer uma nova abordagem desse período marcado por violência de um lado e crescimento econômico de outro, e que ainda reflete atualmente.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Microfísica do poder**. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 15 – 37.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a história na lente da mídia. In: _____. (org.). **Filigranas do discurso**: as vozes da história. Araraquara/SP: Unesp/Cultura Editora, 2000, p. 19 – 34.
- _____. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha a nossa vã autoria? In: _____. BARONAS, Roberto (orgs.). **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz, 2001, p. 60 – 68.
- MILLER, Sidney. Pois é, pra quê?. In: **Brasil, do guarani ao guaraná**. Rio de Janeiro: Elenco, 1968.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2006.
- SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**: memórias da guerrilha perdida. 14ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VICTOR, J. J. **O golpe**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2005.

